



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

YASMIM SUZANE SEABRA DE OLIVEIRA

“Vi um pretinho e seu caderno era um fuzil”: o rap como instrumento de
educação antirracista

Recife
2024

YASMIM SUZANE SEABRA DE OLIVEIRA

“Vi um pretinho e seu caderno era um fuzil”: o rap como instrumento de educação antirracista

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Letras Português – Licenciatura como parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras/Português.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Hermano Breunig

Recife
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Oliveira, Yasmim Suzane Seabra de.

Vi um pretinho e seu caderno era um fuzil?: o rap como instrumento de educação antirracista / Yasmim Suzane Seabra de Oliveira. - Recife, 2024. 47, tab.

Orientador(a): Tiago Hermano Breunig

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras Português - Licenciatura, 2024.

Inclui referências.

1. Literatura. 2. Antirracismo. 3. Rap. 4. Letramentos de Reexistência. I. Breunig, Tiago Hermano. (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

YASMIM SUZANE SEABRA DE OLIVEIRA

“Vi um pretinho e seu caderno era um fuzil”: o rap como instrumento de
educação antirracista

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras/Português.

Data: 18/ 03/ 2024

Orientador/a

Prof. Dr. Tiago Hermano Breunig
Universidade Federal de Pernambuco

Examinador/a

Prof. Dr. Flaviano Maciel Vieira
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho a duas pessoas fundamentais na minha jornada: Minha mãe, que sempre depositou toda a confiança do mundo em mim e que, quando me via desacreditada dos meus sonhos, acreditava neles por nós duas. E ao meu avô que esteve presente em minha vida durante 20 anos e que, hoje, é a melhor parte das minhas lembranças.

AGRADECIMENTOS

Ao chegar na última etapa da minha graduação é impossível não olhar para trás e relembrar todos os momentos que passei até chegar nesse momento. Desde o início precisei fazer exercícios mentais para aceitar que aquele espaço também me pertencia. Durante muito tempo senti que não iria conseguir concluir o curso e nesses momentos eu me apegava ao que tinha me motivado a começar tudo: ser motivo de orgulho para a minha família.

Sou a primeira pessoa da minha família a conseguir entrar numa universidade e com essa conquista carrego as expectativas e sonhos daqueles que sempre estiveram do meu lado: minha mãe, Solange, meu querido avô, José Manuel e minha avó, Tereza.

Meu avô acompanhou meus primeiros dois anos de graduação e sempre me deu apoio e força para continuar minha jornada. Ter uma neta professora, para ele que teve poucas oportunidades na vida, era algo extraordinário. Infelizmente, em 2021, meu avô se foi. Mas deixou comigo todo o seu amor e dedicação. Concluir a graduação sem ele me traz diversos sentimentos, mas o principal é de felicidade por conseguir realizar o que ele sempre quis: me ver formada. Meu avô, meu pai, o melhor homem que já conheci em toda minha vida, sua presença e seu apoio me transformaram na pessoa que sou hoje. Te vejo presente em todos os meus passos e a saudade absurda que sinto é sinal do amor que tenho por você. Eu te amo com todo o meu coração, para sempre.

Sou muito grata também às duas mulheres que são meu maior exemplo: Solange e Tereza, minha mãe e minha avó. A vida foi extremamente dura com as duas e para recompensar tudo o que não puderam ter, elas me incentivam e me apoiam em tudo o que eu me proponho a fazer. Ambas são os meus maiores amores e é por elas que me levanto todos os dias.

Expresso também minha profunda gratidão às minhas amigas Maria, Geisan e Mabilia. Apesar de não serem amigas de turma, são amigas de vida e me ouviram lamentar todas as vezes em que me senti impotente diante do espaço acadêmico e me incentivaram com as palavras mais doces possíveis. Vocês me ensinaram o poder que uma amizade exerce na nossa maneira de nos enxergar. É como bell hooks fala: “o amor próprio não pode florescer em isolamento”. Eu me amo porque amo vocês.

Agradeço também a Julianny, Eloá, Emanuely e Ingrid que estão comigo desde o comecinho da graduação e estarão presentes para o resto da minha vida. Mesmo que o acaso nos afaste, serei eternamente grata a vocês. A universidade por vezes foi um lugar difícil, mas a presença de vocês deixou minha caminhada mais leve. Obrigada por todo acolhimento, risadas nos corredores do CAC e momentos juntas. A amizade de vocês foi a melhor coisa que a universidade me proporcionou.

Por fim, agradeço ao meu orientador, Tiago Breunig, por toda disponibilidade e tempo dedicados à mim. Suas orientações me impulsionaram a continuar cada vez buscando conhecimento e aperfeiçoando o que já sei.

A conclusão deste trabalho marca o fim de um ciclo que mudou completamente a minha forma de ser, agir e pensar. Foram tantos aprendizados que mudaram a minha vida e, agora, só sei sentir gratidão por todos os momentos vividos.

[...]

*Eu sou a continuação de um sonho
Da minha mãe do meu pai
De todos que vieram antes de mim
Eu sou a continuação de um sonho
Da minha vó, do meu vô
Quem sangrou pra gente poder sorrir.*

- BK, *Continuação de um sonho* (2022)

RESUMO

Promover uma educação antirracista por meio do uso do rap na sala de aula, a fim de falar sobre a realidade de alunos negros e pardos. Esta pesquisa tem como objetivo a análise das músicas Capitães da Areia, do rapper Baco Exu do Blues, Ismália, do rapper Emicida e A vida é desafio, do grupo Racionais Mc's. Teremos como base Ricardo Teperman (2015) e Elaine Nunes de Andrade (1999), que possuem um grande trabalho de pesquisa sobre o rap. Paulo Freire (1968, 2004) e bell hooks (2013) que pontuam, em seus escritos, formas transformadoras de fazer a educação. A proposta é mostrar como o rap pode servir de ferramenta pedagógica nas aulas de literatura. Concluimos, a partir da análise das três músicas que a educação se dá por completo quando todos os alunos se sentem pertencentes ao espaço escolar. Bagagens culturais, sociais e raciais dos educandos devem ser valorizadas e trazidas para sala de aula e, assim, promover um espaço que atue de forma antirracista.

Palavras-chave: Rap. Antirracismo. Literatura.

ABSTRACT

To promote an anti-racist education through the use of the rap genre during classes, in order to speak about black and brown students' realities. The main goal of this research is analyzing the songs "Capitães da Areia", by the rapper Baco Exu do Blues, "Ismalia", by the rapper Emicida and "A vida é desafio", by the group Racionais Mc's. The basis consists in the studies of Ricardo Teperman (2015) and Elaine Nunes de Andrade (1999), who have got a great amount of research work about the rap genre. Paulo Freire (1968, 2004) and Bell Hooks (2013), whose works stands out in transforming ways for building education. The proposal is showing how rap can be used as a pedagogical tool in literature classes. From the analysis of the three songs, is concluded that education is fully completed when all of the students feel as if they belong in the school environment. Students' cultural, social and racial background must be valued and brought into the classroom and, by that means, promote an school environment that operates with an anti-racist approach.

Key-words: Rap. Anti-racism. Literature.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Raps selecionados para a análise.....	26
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 Os espaços e oportunidades que são negados.....	14
2.1 Racismo institucional e Racismo estrutural.....	14
2.2 Evasão escolar da população negra.....	18
2.3 Os ensinamentos que vêm da rua.....	20
3. O rap é compromisso.....	27
4. Considerações finais.....	41

1 INTRODUÇÃO

No prefácio do livro *A (des)educação do negro* (2021) do escritor Carter G. Woodson, Emicida diz que:

“Alinhar instituições, sobretudo as de ensino, com seu propósito é abrir espaço para que floresça a emancipação verdadeira de todos os povos que foram subalternizados durante a barbárie representada pela experiência colonial” (2021, p. 8).

Bell Hooks, por sua vez, na introdução de *Ensinando a transgredir* (2017, p. 10) relata: “Aprendemos desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto, era um ato contra-hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista”. Emicida e Hooks, apesar da separação geográfica, compartilham uma experiência unificadora: a vivência de uma pessoa negra na sala de aula. Ambos reconhecem o poder de uma pedagogia antirracista na formação de pessoas pretas e é essa perspectiva que esta pesquisa pretende expandir.

Tendo como base inicial as considerações citadas, é importante uma reflexão acerca do cenário educacional brasileiro. Um levantamento da organização Todos Pela Educação¹ mostra que alunos pretos e pardos são protagonistas de anos de negligência do sistema educacional. A criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) trouxe os artigos 15^a, 16^a e 21^a que são destinados à promoção da equidade racial na educação. Apesar de ser uma questão validada pela lei, o acesso e a permanência de alunos negros na escola se deparam com problemas como falta de acolhimento e representatividade. A pesquisa “Educação na perspectiva dos estudantes e suas famílias” elaborada pelo Itaú Social, Fundação Lemann e Banco Interamericano de Desenvolvimento², apontou em dezembro de 2021 que o número de estudantes negros que queriam abandonar a escola por não se sentirem pertencentes àquele espaço era o dobro quando comparado ao de estudantes brancos.

¹ Fundada em 2006, a Todos pela educação é uma organização não governamental criada com o objetivo de assegurar o acesso à educação básica de qualidade para todos os cidadãos.

² Disponível em:

https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2023/03/Datafolha_Apresentacao_745488_Aprendizado-no-Brasil_V_Apresentacao-1.pdf. Acesso em: 08 mar. 2024.

A falta de representatividade para alunos negros na escola é uma questão significativa que pode ter impactos negativos em seu desenvolvimento acadêmico, emocional e identitário. A representatividade refere-se à presença e visibilidade de modelos e referências que reflitam a diversidade étnica e cultural da sociedade em que vivemos. Em muitas escolas, a maioria dos materiais didáticos, currículos e até mesmo professores e funcionários podem não refletir adequadamente a diversidade racial, resultando em uma falta de identificação para alunos negros. Isso pode levar a uma sensação de isolamento, baixa autoestima e falta de motivação. A ausência de figuras históricas, científicas, literárias e culturais negras nos currículos pode criar lacunas na compreensão dos alunos sobre a contribuição significativa dessas pessoas para a sociedade. Isso também pode contribuir para a perpetuação de estereótipos e preconceitos, uma vez que a falta de representação pode resultar em uma visão distorcida e incompleta da história e da cultura.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e Para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, pessoas negras têm menor número de anos de estudos do que pessoas brancas, o índice de pessoas negras não alfabetizadas é maior do que o de pessoas brancas, cerca de 10% de crianças brancas entre 10 e 14 anos estão sujeitas ao trabalho infantil, enquanto 40% das crianças negras vivem na mesma situação. É pensando nessa realidade que surge a temática desta monografia: “Vi um pretinho e seu caderno era um fuzil”: o rap como instrumento de educação antirracista”.

A escolha do tema tem como principal motivação responder uma pergunta-chave: expor o valor social e político do rap na sala de aula, focando principalmente no seu papel no combate ao racismo, poderia ser uma maneira de praticar uma educação antirracista?

Assim, a execução desta pesquisa se justifica também pela necessidade de colocar em prática o que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais apontam ao dizer que:

Pedagogias de combate ao racismo e a discriminações elaboradas com o objetivo de educação das relações étnico/raciais positivas têm como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra. Entre os negros, poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identifiquem as influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com as outras pessoas, notadamente as negras. (Brasil, 2003, p. 16)

O rap pode ser estudado em várias áreas do conhecimento, desde as linguagens até a literatura. Além das DCNs, outro documento oficial como o Currículo de Pernambuco cita as manifestações artísticas e produções culturais que buscam promover ações e manifestações políticas, dessa forma, pode-se perceber uma abertura para falar de movimentos como o hip-hop e, além disso, falar especificamente sobre o rap. Sabendo que a sala de aula é um dos meios para colocar em prática uma formação politizada, é interessante e importante abrir espaço para um gênero musical que por muito tempo sofreu preconceito, mas que aos poucos conquistou seu lugar, como o rap.

Para além da ideia crítica e política, a pesquisa busca apresentar a importância da representatividade para alunos negros e periféricos e o rap é o gênero musical no qual a realidade desses alunos é exposta. Dessa maneira, o presente projeto mostrará como o rap e a literatura podem ser trabalhados em conjunto, visando uma educação que traduza elementos sociais, valorizando a cultura, a identidade e a experiência social de alunos que fazem parte de grupos minoritários.

2 OS ESPAÇOS E OPORTUNIDADES QUE SÃO NEGADOS

60% dos jovens de periferia
Sem antecedentes criminais já sofreram
Violência policial.
A cada quatro pessoas mortas pela
polícia, três são negras.
Nas universidades brasileiras, apenas 2%
dos alunos são negros.
— *Capítulo 4, versículo 3, Racionais mc-s*

2.1 RACISMO INSTITUCIONAL E RACISMO ESTRUTURAL

O racismo se materializa nas conexões entre indivíduos e grupos, na construção de ideologias políticas, nas estruturas de governo e na forma de sistematização dos Estados de maneira que a política, a economia e a cultura são diretamente afetadas. Para que uma ideologia racista seja realizada é necessário um encadeamento de ferramentas capazes de manipular recursos em favor de seu

objetivo, conservando privilégios e supremacias. Silvio Almeida, no livro *Racismo Estrutural* (2020) diz que:

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (2020, p. 32)

Por sua multifacetada atuação, o racismo precisa ser entendido como um sistema, visto que não diz respeito apenas a um conjunto de atos discriminatórios, mas sim de uma organização que se realiza por meio de estruturas capazes de manipular oportunidades e juízos para comunidades dependendo de sua raça, religião, fenótipo, entre outras características. Nas discussões que envolvem questões raciais podemos observar diferentes concepções de racismo. Por motivos didáticos, três concepções são destacadas: individualista, institucional e estrutural.

A constituição de 1988 trouxe ações significativas com a criação do SUS, proporcionando o direito universal e gratuito à saúde. A obrigatoriedade do ensino fundamental também foi uma conquista relevante. A democratização da saúde e educação, naquela época, conseguiram reduzir as desigualdades referentes a esses serviços mas não o suficiente para mudar o histórico de desigualdades entre brancos e negros.

A ideia de *racismo institucional* passou a ser debatida com mais destaque no contexto dos anos 2000 com a persistência do movimento negro na articulação de operações a fim de viabilizar a movimentação das várias esferas sociais responsáveis pelas políticas de igualdade racial. Sobre essa concepção, Silvio Almeida argumenta que:

O racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça. (2020, p. 38)

Conclui Almeida (2020, p. 38) que “a principal tese dos que afirmam a existência de um racismo institucional é que os conflitos raciais também são parte das instituições.” Essa teoria surge a partir da ideia de que as instituições, como fragmento da sociedade, também são permeadas por questões existentes nessa sociedade da qual fazem parte. Quando um grupo tem como objetivo permanecer na zona de privilégio em detrimento de outros grupos, é a instituição que ele vai querer controlar. O pensamento de Almeida vai ao encontro do que Souza (2011) fala. Para

o autor, o conceito de “Racismo Institucional refere-se a políticas institucionais que mesmo sem o suporte da teoria racista de intenção produzem consequências desiguais para os membros de diferentes categorias raciais”. (Rex, 1987, apud Souza, 2011, p. 79).

É necessário abordar o racismo institucional neste texto pois a escola é uma instituição e, enquanto instituição, está propensa a atuar de forma racista negligenciando alunos pretos e pardos, não levando em consideração a realidade desses alunos ou através de silenciamentos - a carência de conteúdos que viabilizem histórias e culturas do povo negro-brasileiro no currículo escolar.

O racismo institucional tem o poder como parte principal das questões raciais. Sendo assim, os dominadores são aqueles que têm influência no âmbito político e econômico. Se tratando de Brasil, os brancos historicamente ocupam essa posição de privilégio, de modo que a literatura, a cultura e o padrão estético estão sujeitos a eles. A escola não está livre disso.

O racismo institucional refere-se a padrões e práticas sistêmicas que perpetuam a discriminação com base na raça, incorporados nas estruturas e políticas de instituições sociais. Diferentemente do racismo individual, que é mais explícito e evidente, o racismo institucional é mais sutil e difícil de identificar, uma vez que se origina nas operações cotidianas de instituições respeitadas na sociedade. Essas instituições, como o sistema educacional, a justiça, o mercado de trabalho e a saúde, podem promover desigualdades raciais através de políticas, procedimentos e práticas que, muitas vezes, marginalizam determinados grupos étnicos. Apesar de sua natureza menos visível, o racismo institucional é igualmente prejudicial, perpetuando a desigualdade e limitando as oportunidades para comunidades racialmente minoritárias.

O racismo, porém, vai além do âmbito institucional, afinal de contas, ele é reproduzido nas instituições. Silvio Almeida (2020) manifesta que:

Assim como a instituição tem a sua estrutura condicionada a uma estrutura social previamente existente - com todos os conflitos que lhe são inerentes -, o racismo que essa instituição venha a expressar é também parte dessa mesma estrutura. As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. (2020, p. 47).

Almeida (2020) evidencia a interconexão entre as instituições e a estrutura social preexistente, destacando que as instituições são moldadas por uma estrutura

social já existente, repleta de conflitos inerentes. Nesse contexto, o racismo manifestado por uma instituição é considerado como uma extensão dessa mesma estrutura social. As instituições são percebidas como manifestações tangíveis de uma estrutura social mais ampla ou de um modo de socialização que incorpora o racismo como um de seus elementos intrínsecos. Em outras palavras, o racismo não é apenas um fenômeno isolado, mas está entrelaçado à própria sociedade e às instituições que a compõem.

Essa questão afeta estruturalmente as escolas e a maneira como o ensino é produzido com o propósito de ignorar a realidade racial do país. A propagação de um modelo pedagógico majoritariamente branco - e que durante muito tempo foi visto como universal -, coloca outras culturas em um lugar de inferioridade e dessa maneira elas acabam não sendo abordadas no espaço escolar. bell hooks, no livro *Ensinando a transgredir*, expressa:

Quando entramos em escolas brancas, racistas e dessegregadas, deixamos para trás um mundo onde os professores acreditavam que precisavam de um compromisso político para educar corretamente crianças negras. De repente, passamos a ter aula com professores brancos cujas lições reforçavam estereótipos racistas. Para as crianças negras, a educação já não tinha a ver com a prática da liberdade. (2013, p. 12).

Sabemos que bell hooks fala sob uma perspectiva educacional estadunidense, entretanto seus apontamentos também podem ser entendidos no contexto brasileiro.

Em 2003, com a lei Lei 10.639 que tornou obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira abriu-se um espaço para a história do povo negro ganhar visibilidade no espaço educativo. Contudo, há uma questão ainda maior para ser trabalhada: a evasão escolar de pessoas negras.

O racismo estrutural exerce uma influência profundamente prejudicial no ambiente escolar, permeando diversas dimensões e impactando o desenvolvimento educacional e emocional dos estudantes. No contexto escolar, manifesta-se através de disparidades na distribuição de recursos, práticas pedagógicas discriminatórias e desigualdades sistemáticas.

A distribuição desigual de recursos é uma expressão direta do racismo estrutural nas escolas. Instituições localizadas em comunidades racialmente minoritárias frequentemente enfrentam carências em infraestrutura, materiais didáticos, corpo docente qualificado e oportunidades extracurriculares, contribuindo

para disparidades educacionais significativas. A evasão escolar de alunos pretos e pardos não acontece naturalmente.

2.2 EVASÃO ESCOLAR DA POPULAÇÃO NEGRA

A evasão escolar é um problema social de grande complexidade, ocorre quando o aluno para de frequentar a escola definitivamente. Tal questão é uma adversidade crescente na educação brasileira e, não obstante, um grande desafio à premissa do direito universal à educação. Para Vitelli e Fritsch (2016), a evasão escolar pode ser entendida como:

Um processo de exclusão determinado por variáveis internas e externas às instituições de ensino, configurando-se como um fenômeno complexo, associado com a não concretização de expectativas. Pode ser vista, nesse sentido, como o reflexo de múltiplos fatores intervenientes, que precisam ser compreendidos tendo em vista o contexto socioeconômico, político e cultural, o sistema educacional e as instituições de ensino. (2016, p. 910).

Dada a explicação sobre o abandono escolar, é necessário entender que para debater a causa desse fenômeno, recortes sociais e raciais precisam ser feitos, afinal, uma das razões é a desigualdade relacionada à raça.

A experiência na sala de aula acontece individualmente entre cada pessoa mas a privação de oportunidades é algo que acontece principalmente com alunos negros. A raça é um fator determinante na vivência escolar dos estudantes e isso aparece claramente nas estatísticas.

Sabendo que a maioria dos estudantes da rede pública são periféricos e/ou negros, é importante voltar nossos olhares e elaborar recursos didáticos nos quais esses alunos se identifiquem, a fim de combater a evasão escolar, afinal, de acordo com a Folha de São Paulo³, negros representam 71,7% dos jovens que abandonam a escola no Brasil. A matéria da Folha, feita por Isabela Palhares⁴, apresenta dados do IBGE do ano de 2020 que comprovam a evasão escolar de pessoas negras, que

³ Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/06/negros-sao-717-dos-jovens-que-abandonam-a-escola-no-brasil.shtml#:~:text=Dos%2010%20milh%C3%B5es%20de%20jovens,de%20estudar%20porque%20precisava%20trabalhar>. Acesso em: 8 Mar. 2024

⁴ Escreve sobre educação desde 2015. Formada em jornalismo pela PUC-Campinas, participou do primeiro curso sobre desenvolvimento na primeira infância do ICFJ (International Center for Journalists).

é uma das consequências da desigualdade racial. Ainda no texto, há uma citação em que Ricardo Henriques⁵, diz:

A escola herda da sociedade o racismo estrutural e aumenta essa desigualdade racial. Os indicadores gritam, escancaram o racismo, mas a escola vira as costas para esse debate. Enquanto não reconhecermos esse racismo educacional, não vamos melhorar os índices educacionais no Brasil. Precisamos de políticas para enfrentar a discriminação, mas também de ações pedagógicas mais assertivas que considerem o contexto desses alunos.

Tanto a permanência quanto a desistência na escola diz respeito às questões sociais influenciadas pela vivência de cada aluno, levando em consideração que dependendo do grupo social em que o aluno está inserido ele terá mais acesso ou não às possibilidades que a escola pode oferecer. O acesso à educação de qualidade enfrenta vários desafios e quem encara isso diretamente são aqueles que não fazem parte da elite econômica. O ensino médio, dessa maneira, trabalha de acordo com a demanda daquilo que o interessa: alunos brancos saem preparados para a graduação enquanto para os alunos negros a única opção é o mercado de trabalho.

Práticas pedagógicas discriminatórias também devem entrar em questão. Estereótipos negativos podem influenciar as expectativas dos professores em relação aos alunos, afetando as oportunidades educacionais oferecidas a eles. Além disso, currículos que negligenciam a diversidade cultural e histórica contribuem para a marginalização de certos grupos étnicos, limitando a compreensão e valorização da pluralidade de experiências. Dessa maneira, uma prática pedagógica não-inclusiva corrobora com a desigualdade de raça e classe, negando ao aluno negro a possibilidade de ascensão. Carter G. Woodson, no livro *A (des)educação do negro* (2021), diz:

Se por meio do ensino da história o homem branco pudesse ter mais certeza de sua superioridade e o Negro fosse forçado a sentir que sempre foi um fracasso, e que a sujeição de sua vontade a alguma outra raça é necessária, então ele continuaria escravizado. Se você consegue controlar o pensamento de um homem, não tem de se preocupar com suas ações. Se você fizer um homem se sentir inferior, ele não terá de ser compelido a aceitar um status inferior, pois certamente o fará por si mesmo. Se você convencer um homem que ele é um pária, você não terá de mandá-lo para a porta dos fundos. Ele irá sozinho, sem que lhe mandem ir; e, se não houver porta dos fundos, sua própria natureza exigirá uma. (2021, p. 60).

⁵ Economista, professor de Economia da UFF, pesquisador especializado em Economia social e trabalha com temas como educação e desigualdade social.

O apontamento de Woodson explica perfeitamente como o racismo atua na escola. A estigmatização e o racismo podem impactar negativamente a autoestima e a motivação dos alunos negros, gerando um sentimento de exclusão e falta de pertencimento na escola. Isso pode resultar em um menor interesse pelos estudos, desengajamento acadêmico e, eventualmente, abandono escolar.

2.3 OS ENSINAMENTOS QUE VÊM DA RUA

De acordo com Paulo Freire (1969, 2004), o ser humano tem intencionalidade, se mostrando presente para além de um objeto no mundo em que vive. A ideia de Freire destaca a influência da intervenção humana na sociedade e como o indivíduo é capaz de transformar a própria realidade. Nessa linha de pensamento, os saberes individuais e o conhecimento científico trabalham em conjunto. O conhecimento resultante da cultura, do dia-a-dia e da experiência social são essenciais de acordo com a perspectiva freiriana. A transformação acontece no momento em que esses indivíduos, capacitados pelo conhecimento teórico, refletem criticamente sobre a própria realidade. Dessa forma, para Freire, a educação se dá por meio de uma relação entre as práticas sociais e o conhecimento.

Paulo Freire salienta o papel do educador, apontando que ele deve agir como um facilitador na vida dos alunos, em vez de tratá-los como papéis em branco para serem preenchidos com fatos prontos. Para Freire, a educação deve ser responsável por conscientizar os educandos. Isto é, levar reflexão aos grupos oprimidos e marginalizados sobre sua situação e entender meios para agir a favor da sua libertação. Santos (2009) por sua vez, afirma que “toda experiência social produz conhecimento.” (SANTOS, 2009 apud GOMES, 2017, p. 28).

Em meados da década de 90 o movimento hip hop ganhou espaço nas periferias de São Paulo. No livro *Se liga no som: as transformações do rap no Brasil*, Ricardo Teperman (2015) detalha como o rap nacional estava ligado aos bailes black nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. O autor fala sobre a influência no rap estadunidense, mas indo contra o argumento de que o rap brasileiro era apenas uma cópia do que era criado nos Estados Unidos, Teperman destaca a conexão do gênero feito no Brasil, com o contexto social, cultural e racial em que viviam os jovens das periferias brasileiras. O rap não foi bem aceito pela sociedade

conservadora da época por se tratar de um gênero periférico que denunciava explicitamente o racismo e a desigualdade de classe. Tal gênero é feito através de ações artísticas, políticas e culturais e, mais que isso, era comandado pela juventude negra orgulhosa da sua ancestralidade e que, através disso, impulsionou formas históricas de resistência.

Um estilo que provoca a estrutura racista escancarando as vivências de pessoas negras é de grande importância para àqueles que vivem às margens da sociedade. O rap ganhou espaço no país e pode ser um grande aliado em sala de aula. Trata-se de uma linguagem que abarca elementos não apenas da música, mas também de outras maneiras de expressão. Rap significa rhythm and poetry - ritmo e poesia -, dessa forma, abre-se um leque de possibilidades para trabalhar tal gênero musical em sala de aula, alinhando a teoria com o conhecimento de mundo dos alunos através do hip hop que, por si só, é tão importante na denúncia contra mazelas sociais e é mais importante ainda dando voz àqueles que são constantemente silenciados.

O rap, para além de um gênero musical, é um movimento político-social que envolve dança, poesia e cultura. As letras das músicas denunciam exclusão social, violência policial, racismo e descrevem a realidade de jovens periféricos. A necessidade de levar o rap para sala de aula se dá na possibilidade de utilizá-lo como ferramenta pedagógica e suporte na análise de questões culturais, raciais, sociais e políticas das quais alunos negros e periféricos possam contribuir, afinal, é uma realidade na qual eles estão inseridos.

Não há como pensar numa educação sem pensar na realidade dos alunos, sem levar em consideração suas bagagens socioculturais. Refletindo mais especificadamente na educação de alunos negros e periféricos, deve-se levar em conta a socialização desse grupo, dessa forma, não há espaço para neutralidade. O rap segue a mesma linha. Por ser um gênero musical feito por pessoas negras justamente para denunciar o preconceito racial e dar voz à população oprimida, o rap é um aliado.

O currículo de Pernambuco, a habilidade EM13LP24PE, abre espaço para:

Analisar formas não institucionalizadas de participação social, sobretudo as vinculadas a manifestações artísticas, produções culturais, intervenções urbanas e formas de expressão típica das culturas juvenis que pretendam expor uma problemática ou promover uma reflexão/ação, posicionando-se em relação a essas produções e manifestações, de forma crítica, respeitosa e ética. (2021, p. 115)

O rap pode ser estudado em várias áreas do conhecimento, desde as linguagens até a literatura. Em relação ao Currículo de Pernambuco, tal documento cita as manifestações artísticas e produções culturais que buscam promover ações e manifestações políticas, dessa forma, pode-se perceber uma abertura para falar de movimentos como o hip-hop e, além disso, falar especificamente sobre o rap. Sabendo que a sala de aula é um dos meios para colocar em prática uma formação politizada, é interessante e importante abrir espaço para um gênero musical que por muito tempo sofreu preconceito, mas que aos poucos conquistou seu lugar.

O conhecimento promovido por atividades juvenis desenvolvidas no espaço das ruas pode servir como um alicerce na permanência desses jovens negros na escola. No livro *Rap e educação, rap é educação*, José Carlos Gomes da Silva⁶ traz um ponto importante quanto ao rap e o conhecimento produzido fora das instituições educacionais, dizendo que os rappers:

Organizaram não apenas ações concretas nas ruas, mas também interagiram com as escolas oficiais por intermédio de projetos específicos. Na ação concreta dos grupos, percebe-se que a educação formal não respondia a muito dos interesses dos jovens que, somente por iniciativa própria poderiam reelaborar a “autoconsciência”. (1999, p. 24)

O rap pode desempenhar um papel significativo na vida de muitos alunos negros na sala de aula, pois oferece uma forma única de expressão, identificação cultural e conexão com experiências pessoais e comunitárias. As letras do rap muitas vezes abordam questões sociais, econômicas e políticas que afetam as comunidades negras. Alunos negros podem se identificar com as histórias contadas nas músicas, o que pode fortalecer sua autoestima e senso de identidade. Também por retratar temas do cotidiano, desafios e triunfos vividos por indivíduos em comunidades urbanas, o rap é um material especialmente relevante para alunos negros, proporcionando uma conexão direta entre suas experiências de vida e os conteúdos abordados na escola. Muitas músicas desse gênero abordam temas sociais e políticos promovendo a conscientização sobre desigualdades e injustiças. Isso pode incentivar os alunos a questionarem o status quo, a desenvolverem pensamento crítico e a se envolverem em questões sociais relevantes.

⁶ Doutor em ciências sociais pela Unicamp, professor de antropologia no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia.

Para além de tudo isso, falamos de um gênero musical que é uma forma de expressão artística que envolve habilidades literárias, como rimas, metáforas e jogos de palavras. Incentivar os alunos a explorar e criar rap pode promover o desenvolvimento de habilidades de escrita, leitura e expressão verbal.

Incorporar o rap na sala de aula não apenas reconhece a importância cultural dessa expressão artística, mas também cria um ambiente mais inclusivo, onde os alunos se sentem valorizados e compreendidos. Ao fazer isso, os educadores podem fortalecer o engajamento dos alunos, promover a diversidade cultural e enriquecer a experiência educacional para todos.

A disparidade entre saberes acadêmicos e saberes populares é um fenômeno que reflete a existência de hierarquias na aprendizagem. O conhecimento formalizado e adquirido por meio de instituições educacionais é frequentemente considerado superior aos saberes populares, que são transmitidos oralmente ou derivados de experiências práticas. Essa hierarquização cria barreiras, contribuindo para a marginalização dos saberes populares. Quando o discurso acadêmico se impõe sobre a fala popular de forma autoritária, há o risco de que ele se torne inflexível, perdendo a vitalidade dos conceitos (Freire, 1989). Essa imposição pode levar ao congelamento da consciência, resultando na perda da capacidade crítica e interrogativa em relação à ordem estabelecida. Nesse cenário, as pessoas podem recorrer a expressões prontas em vez de desenvolverem uma compreensão autêntica, indicando a possível perda da reflexão profunda diante de uma linguagem acadêmica excessivamente distante.

O rap, muitas vezes subestimado em seu potencial acadêmico, revela-se como uma forma produtiva de conhecimento formal que transcende as fronteiras convencionais da educação. Por meio de suas letras elaboradas, o rap oferece uma plataforma valiosa para a transmissão de conhecimentos e reflexões críticas. As narrativas intrincadas presentes nas letras de rap funcionam como uma poderosa ferramenta de contação de histórias, permitindo a exploração de experiências pessoais, questões sociais e análises profundas da realidade. Um exemplo do valor educativo do rap foi quando, em 2022, a Unicamp concedeu o título de Doutor Honoris Causa para o grupo Racionais Mc's. De acordo com Liana Coll, na matéria "Conselho Universitário Aprova Título de Doutor Honoris Causa para Racionais Mc's". publicada no site da própria Unicamp, tal título é concedido a pessoas que tenham contribuído, de maneira notável, para o progresso das ciências,

das letras ou das artes e/ou que tenham beneficiado, de forma excepcional, a humanidade ou tenham prestado relevantes serviços à universidade. Reconhecidos como o mais importante grupo de rap do país, os Racionais Mc's também entraram para a lista de leituras obrigatórias do vestibular da Unicamp⁷, demonstrando o valor intelectual do rap.

Pensando nisso, a presente pesquisa tem como objetivo investigar as possibilidades de trabalhar o rap na sala de aula. Para atingir esse objetivo, a pesquisa tem caráter qualitativo. Seguindo a percepção de Maria Cecília de Souza Minayo⁸ (1992) que argumenta que uma pesquisa qualitativa:

Responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (1992, p. 22).

E esse estilo de investigação está voltado para a análise e interpretação da realidade social, valendo-se de dados interpretativos como fundamento.

Tendo como foco uma pesquisa bibliográfica e análise documental, documentos oficiais como Currículo de Pernambuco e DCN's serão analisados na tentativa de entender como esses documentos abordam (ou não) o rap. Pretende-se também apresentar no *corpus* canções de rap feitas por Mc's negros que trazem em sua arte suas experiências enquanto indivíduos negros na sociedade. O propósito é mostrar como a diversidade em suas poéticas é reforçada por seus conhecimentos e vivências individuais até o fazer poético.

Os critérios para a seleção do *corpus* foram 1) Raps escritos e interpretados por rappers brasileiros, 2) Composições que têm como pauta a vivência de pessoas negras e periféricas e 3) Raps que utilizaram, em suas composições, referências à literatura brasileira.

A escolha das canções selecionadas para esta pesquisa foi de acordo com o que Ana Lúcia Silva Souza (2011) definiu como letramento de reexistência. Souza (2011), ao criar tal conceito, disse que

⁷ Matéria disponível em:

<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2023/11/28/conselho-universitario-aprova-titulo-de-doutor-ho-noris-causa-para-racionais-mcs>

⁸ Socióloga, Mestre em Antropologia, Doutora em saúde pública e pesquisadora emérita da Fundação Oswaldo Cruz.

No que se refere ao universo do hip hop, as práticas de letramentos são voltadas para a concretude da vida dos ativistas, relacionando-se às questões culturais e políticas e visando, de alguma maneira, ampliar suas possibilidades de inserção em um lugar de crítica, contestação e de subversão no qual, como sujeitos de direitos e produtores de conhecimentos, possam forjar espaços e atuar dentro e fora da comunidade em que vivem. Inserir-se nesses lugares provoca a inscrição em uma complexa rede de relações sociais, na qual, por meio dos discursos, é negociada a ocupação e a sustentação de formas de participação social compromissadas com as transformações das relações sociais e raciais. (2011, p. 22 - 23)

Os MC's, imersos em um contexto de intercâmbio cultural e reflexão sobre o passado colonial, utilizam a linguagem para diversificar suas expressões artísticas, abordar temas políticos e representativos, e resgatar suas identidades, resistindo às imposições históricas que moldaram suas trajetórias. Aqueles que anteriormente foram impostos a lugares de subalternização encontram na poética de escrevivência um meio de transcender suas experiências, compartilhando suas sabedorias ao expor as violências e manipulações que sofreram.

Para a análise de nosso *corpus*, teremos como base conceitos que definem um Letramento de reexistência formulados por Ana Lúcia Silva Souza (2011), que são:

1. Letramentos que desempenham papel histórico ao incorporar e resignificar e os usos sociais da linguagem: Canções que servem como um espelho autêntico das realidades sociais, permitindo que os artistas abordem suas experiências e desafios, contribuindo para a documentação oral das vivências de comunidades historicamente marginalizadas.
2. Desestabilização de discursos cristalizados em que as práticas validadas de uso da língua são apenas as ensinadas na escola formal: Letras cuja transformação da linguagem seja marcante, com os artistas explorando rimas, metáforas e trocadilhos de maneiras inovadoras. Demonstrando, assim, que muitas letras de rap têm uma dimensão educativa, transmitindo conhecimento sobre eventos passados, figuras históricas e questões sociais.
3. Práticas que os rappers realizam reportando-se às matrizes e aos rastros de uma história ainda pouco contada: Narrativas de identidade e pertencimento são construídas no rap, com os artistas compartilhando suas histórias pessoais e reafirmando conexões culturais, étnicas e sociais. Essa expressão individual e coletiva contribui para uma compreensão mais profunda das histórias das comunidades representadas.

Nesse sentido, as categorias citadas foram empregadas na análise das canções que compõem o *corpus*, as quais podem ser observadas no quadro a seguir:

Quadro 1 - Raps selecionados para a análise

Título da música	Link
Capitães da Areia - Baco Exu do Blues	https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/capitaes-de-areia/
Ismália (Part. Larissa Luz & Fernanda Montenegro) - Emicida	https://www.letras.mus.br/emicida/ismalia-part-larissa-luz-e-fernanda-montenegro/
A vida é desafio - Racionais Mc's	https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/66802/

Fonte: elaborado pela autora

A priori, foram selecionadas letras publicadas no site Letras⁹ que estavam de acordo com os critérios estabelecidos acima. As canções escolhidas foram reproduzidas na íntegra. Ao longo do processo, serão apontados os principais elementos das composições.

3. O rap é compromisso

Permita que eu fale,
 Não as minhas cicatrizes.
 Se isso é sobre vivência,
 Me resumir a sobrevivência
 É roubar o pouco de bom que vivi
 — AmarElo, Emicida

Voltaremos, neste tópico, nossa atenção para a primeira canção, disponível no site Letras (<https://www.letras.mus.br/baco-exu-do-blues/capitaes-de-areia/>). A música é a 6ª faixa do álbum *Esú* (2017, independente), do rapper Baco Exu do Blues. Raça, religiosidade e conflitos internos são uns dos vários temas abordados pelo rapper soteropolitano. Um álbum que tem como referência o trabalho de

⁹ Letras.mus.br é um site de letras de música colaborativo criado em 2003 pela Studio Sol. É o site de música mais acessado no Brasil.

As vozes dos bêbados
 Risadas gritos
 Garrafas quebrando, as drogas, os conflitos
 As luzes da cidade, batuque, tiro
 Gemidos, briga é um caos tão bonito
 As vozes dos bêbados
 Risadas gritos
 Garrafas quebrando, as drogas, os conflitos
 As luzes da cidade, batuque, tiro
 Gemidos, briga é um caos tão bonito

Eu tô brindando e assistindo
 Um homofóbico xenófobo apanhando de
 Um gay nordestino
 Eu tô rindo
 Vendo uma mãe solteira espancando o PM
 Que matou seu filho
 Me olho no espelho, vejo caos sorrindo
 O karma sorrindo
 Eu nasci no dia que viram a raiva parindo

Eu nasci no dia que viram a raiva parindo
 Onde cidadãos de bem queimam terreiros
 Espancam mulheres e odeiam os pretos
 Odeiam o gueto, matam por dinheiro
 Eu sou caos, eu sou vilão
 Eu nasci no dia que viram a raiva parindo
 Onde cidadãos de bem queimam terreiros
 Espancam mulheres e odeiam os pretos
 Odeiam o gueto, matam por dinheiro
 Eu sou caos, eu sou vilão
 Somos homens e mulheres livres

Em 1937, Jorge Amado publicou *Capitães da Areia*. Dentro do contexto da literatura moderna os temas sociais estavam ganhando destaque, e a obra do autor baiano colocava em foco Pedro Bala. O personagem era definido como um “trombadinha”, líder de outros adolescentes que, assim como ele, estavam submetidos à situação de vulnerabilidade. Todos abandonados, enfrentando a pobreza, fome e marginalização.

Então, em 2017, um jovem baiano chamado Diogo, mas que possui a alcunha de Baco Exu do Blues, produziu um álbum de rap que, no meio de tantos assuntos, vai ao encontro do que Jorge Amado retratou em 1937 em *Capitães da Areia*. A semelhança é puramente intencional, levando em consideração que o rapper usa o escritor como referência. "Capitães de Areia" de Baco Exu do Blues é uma música

poderosa e carregada de críticas sociais, abordando temas como liberdade, coragem e as duras realidades enfrentadas por comunidades marginalizadas. O refrão constante, "Somos homens e mulheres livres", desempenha o papel de um mantra que se repete ao longo da música, reforçando de maneira persistente o tema central da liberdade. Baco expressa abertamente sua coragem e resolução ao adotar o espírito do Erê¹⁰, uma alusão a uma divindade presente nas religiões negros-brasileiras, associada à juventude e à proteção. Pedro Bala, na música, passa a acompanhar as realidades decadentes e depravadas da periferia, como se fosse Exu. É nesse caos que a entidade se habitua, conforme expresso na letra: "As vozes dos bêbados / Risadas gritos / Garrafas quebrando, as drogas, os conflitos / As luzes da cidade, batuque, tiro / Gemidos, briga é um caos tão bonito". Esses versos ilustram vividamente o ambiente tumultuado das periferias, destacando a beleza intrínseca e a complexidade encontradas no caos da vida cotidiana dessas comunidades marginalizadas.

O rapper aborda diversas questões sociais, como homofobia, xenofobia, violência policial e discriminação. A letra retrata situações em que indivíduos que enfrentam discriminação lutam contra seus opressores, transmitindo um senso de resistência e justiça. O pensamento de fazer o opressor provar do próprio veneno se assemelha ao que Frantz Fanon (1968) propõe com a ideia de descolonização que implica enfrentar a supremacia branca dominante por meio de represálias, podendo incluir a violência. Fanon, diz que para confrontar a opressão, é preciso iniciar um "combate decisivo e mortal entre dois protagonistas [...] [fazendo uso de] todos os meios, inclusive a violência, evidentemente" (1968, p. 27). Observa-se a ideia de resistência na letra quando Baco canta: "Eu tô brindando e assistindo / Um homofóbico xenófobo apanhando de / Um gay nordestino / Eu tô rindo / Vendo uma mãe solteira espancando o PM / Que matou seu filho".

Em última análise, a música é provocante e aborda múltiplas questões sociais e raciais, enquanto reforça a resiliência e a força de corpos marginalizados. Por referenciar uma obra presente no cânone literário nacional, podemos pensar que colocá-la em análise em sala de aula, alinhado-a com a literatura poderia servir como uma ferramenta para falar de antirracismo, empoderamento e resistência. Mostrando aos alunos pretos, por meio da literatura e da música, que suas

¹⁰ Espíritos de crianças que transmitem a sabedoria dos Orixás, servindo de intermediário entre eles e as pessoas.

realidades são levadas em consideração, reforçando a força que cada um possui e a esperança de uma realidade justa. Bem como Jorge Amado escreveu em *Capitães da Areia* “E amaram-se uns aos outros, se sentiram irmãos porque eram todos sem carinho e sem conforto e agora tinham o carinho e o conforto da música” (1937, p. 66).

A segunda música, intitulada “Ismália” é do rapper, compositor, cantor e apresentador Emicida, também disponível no site Letras (<https://www.letras.mus.br/emicida/ismalia-part-larissa-luz-e-fernanda-montenegro/>):

Com a fé de quem olha do banco a cena
Do gol que nós mais precisava na trave
A felicidade do branco é plena
A pé, trilha em brasa e barranco, que pena
Se até pra sonhar tem entrave
A felicidade do branco é plena
A felicidade do preto é quase

Olhei no espelho, Ícaro me encarou
Cuidado, não voa tão perto do Sol
Eles num guenta te ver livre, imagina te ver rei
O abutre quer te ver de algema pra dizer: Ó, num falei?!

No fim das conta é tudo Ismália, Ismália
Ismália, Ismália
Ismália, Ismália
Quis tocar o céu, mas terminou no chão
Ismália, Ismália
Ismália, Ismália
Ismália, Ismália
Quis tocar o céu, mas terminou no chão

Ela quis ser chamada de morena
Que isso camufla o abismo entre si e a humanidade plena
A raiva insufla, pensa nesse esquema
A ideia imunda, tudo inunda
A dor profunda é que todo mundo é meu tema
Paisinho de bosta, a mídia gosta
Deixou a falha e quer medalha de quem corre com fratura
exposta
Apunhalado pelas costa
Esquartejado pelo imposto imposta
E como analgésico nós posta que
Um dia vai tá nos conforme
Que um diploma é uma alforria
Minha cor não é um uniforme
Hashtags PretoNoTopo, bravo!

80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo
 Quem disparou usava farda (mais uma vez)
 Quem te acusou, nem lá num tava (banda de espírito de porco)
 Porque um corpo preto morto é tipo os hit das parada
 Todo mundo vê, mas essa porra não diz nada

Olhei no espelho, Ícaro me encarou
 Cuidado, não voa tão perto do Sol
 Eles num guenta te ver livre, imagina te ver rei
 O abutre quer te ver drogado pra dizer: Ó, num falei?!

No fim das conta é tudo Ismália, Ismália
 Ismália, Ismália
 Ismália, Ismália
 Quis tocar o céu, mas terminou no chão
 Ter pele escura é ser Ismália, Ismália
 Ismália, Ismália
 Ismália, Ismália
 Quis tocar o céu, mas terminou no chão
 (Terminou no chão)

Primeiro, sequestra eles, rouba eles, mente sobre eles
 Nega o Deus deles, ofende, separa eles
 Se algum sonho ousa correr, cê para ele
 E manda eles debater com a bala que vara eles, mano
 Infelizmente onde se sente o Sol mais quente
 O lacre ainda tá presente só no caixão dos adolescente
 Quis ser estrela e virou medalha num boçal
 Que coincidentemente tem a cor que matou seu ancestral
 Um primeiro salário
 Duas fardas policiais
 Três no banco traseiro
 Da cor dos quatro Racionais
 Cinco vida interrompida
 Moleques de ouro e bronze
 Tiros e tiros e tiros
 Os menino levou 111 (Ismália)
 Quem disparou usava farda (meu crime é minha cor)
 Quem te acusou nem lá num tava (eu sou um não lugar)
 É a desunião dos preto, junto à visão sagaz
 De quem tem tudo, menos cor, onde a cor importa demais

Quando Ismália enlouqueceu
 Pôs-se na torre a sonhar
 Viu uma Lua no céu
 Viu outra Lua no mar

No sonho em que se perdeu
 Banhou-se toda em luar
 Queria subir ao céu

Queria descer ao mar

E, num desvario seu
Na torre, pôs-se a cantar
Estava perto do céu
Estava longe do mar

E, como um anjo
Pendeu as asas para voar (80 tiros)
Queria a Lua do céu
Queria a Lua do mar

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par
Sua alma subiu ao céu
Seu corpo desceu ao mar

Olhei no espelho, Ícaro me encarou
Cuidado, não voa tão perto do Sol
Eles num guenta te ver livre, imagina te ver rei
O abutre quer te ver no lixo pra dizer: Ó, num falei?!

No fim das conta é tudo Ismália, Ismália
Ismália, Ismália
Ismália, Ismália
Quis tocar o céu, mas terminou no chão
Ter pele escura é ser Ismália, Ismália
Ismália, Ismália
Ismália, Ismália (Ismália, Ismália)
Quis tocar o céu, mas terminou no chão
Terminou no chão
(Ismália)
(Quis tocar o céu, terminou no chão)

A canção Ismália tem colaboração da atriz Fernanda Montenegro e da cantora Larissa Luz, além disso, faz uma conexão intertextual com o poeta Alphonsus Guimarães. As duas Ismálias são mulheres adoecidas, com comportamentos suicidas. Entretanto, cada uma é representada pelo contexto social e histórico no qual estão inseridas: a Ismália do poema de Guimarães é uma mulher branca do século XIX, a Ismália trazida por Emicida na música trata-se de uma mulher negra dos tempos atuais que enfrenta transtornos mentais causados pelo racismo que tem deixado cicatrizes na população negra.

Ao resignificar Ismália, Emicida mostra como o racismo estrutural interfere, mesmo que sutilmente, na forma em que sujeitos negros se enxergam. O trecho “Ela

quis ser chamada de morena/ Que isso camufla o abismo entre si e a humanidade plena” exemplifica as consequências do racismo cotidiano como posto por Grada Kilomba (2019, p. 29).

Emicida também traz, na canção, o mito grego de Ícaro, fazendo uma ligação entre as duas histórias. A análise da perspectiva do voo em ambas as obras sugere a ideia de alcançar coisas inimagináveis, onde a desestabilidade é considerada um ponto de partida que eventualmente leva à queda. Este tema pode ser interpretado como uma metáfora para a ambição desmedida e seus riscos, um paralelo claro com o mito de Ícaro. O racismo, como falado acima, é o tema central da música e será examinado como uma estrutura de dominação, destacando estereótipos que relacionam o negro à ideia de enlouquecimento e à personificação de figuras como Ícaro e Ismália.

Ícaro, filho do arquiteto Dédalo, compartilha uma história de tragédia e ambição. Condenados a viver eternamente na ilha de Creta, onde Dédalo havia cometido um homicídio por inveja, pai e filho ansiavam por escapar desse destino. Dédalo, criativo e inventor, desejava que Ícaro experimentasse a liberdade e explorasse o mundo. Para realizar esse desejo, Dédalo construiu asas para Ícaro usando madeira, cera de abelha e penas, instruindo-o a evitar voar muito baixo sobre o mar e a não se aproximar excessivamente do sol, para evitar que as asas se molhassem ou derretessem.

No entanto, seduzido pela visão do vasto horizonte, Ícaro sucumbiu à paixão pelo voo e desconsiderou o sábio conselho de seu pai. Voando cada vez mais alto, ele ignorou os limites estabelecidos, resultando no derretimento das asas e sua queda fatal. A metáfora da queda neste mito reflete uma das mais antigas ansiedades humanas: o temor da derrota e do fracasso. Enquanto o voo simboliza a busca, superação e ascensão na vida, a queda representa a consequência trágica da arrogância e da desobediência aos limites estabelecidos pelos deuses, um lembrete atemporal sobre os perigos da ambição desenfreada.

Ao cantar “Primeiro, sequestra eles, rouba eles, mente sobre eles / Nega o Deus deles, ofende, separa eles / Se algum sonho ousa correr, cê para ele/ E manda eles debater com a bala que vara eles” Emicida fala como o racismo destrói sonhos, como a existência e objetivos de pessoas negras são enfraquecidos pelo racismo cotidiano e, não contente com isso, ao ver um preto lutando por liberdade e reconhecimento, a sociedade usa todos os seus artifícios para colocá-lo de volta em

lugares de marginalização, por isso: “Olhei no espelho, Ícaro me encarou / Cuidado, não voa tão perto do Sol / Eles num guenta te ver livre, imagina te ver rei / O abutre quer te ver drogado pra dizer: Ó, num falei?!”.

O rapper, nos versos: “Paisinho de bosta, a mídia gosta / Deixou a falha e quer medalha de quem corre com fratura exposta / Apunhalado pelas costa / Esquartejado pelo imposto imposta” menciona a mídia, a falta de representação justa e a exploração da dor alheia. A letra evidencia como os meios de comunicação brasileiros podem ser racistas e colaborar com um sistema genocida, que ceifa vidas negras todos os dias.

O rap de Emicida apresenta também referências fora da ficção, como o caso do músico Evaldo dos Santos Rosa¹¹ que em abril de 2019 teve o carro alvejado a tiros pelo exército do Rio de Janeiro. Podemos observar no trecho: “80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo / Quem disparou usava farda (mais uma vez) / Quem te acusou, nem lá num tava (banda de espírito de porco) / Porque um corpo preto morto é tipo os hit das parada / Todo mundo vê, mas essa porra não diz nada”. Além de trazer um caso real, a letra denuncia o genocídio sofrido pela população negra, a desumanização de pessoas periféricas pela polícia. Números como “80 tiros” e menções a violência policial são referências a eventos reais, indicando a dura realidade enfrentada por muitos. O uso de estatísticas reforça a mensagem da urgência e gravidade dessas questões.

Emicida, ao se colocar como o narrador da canção, representa não apenas a si mesmo, mas toda a população negra. A comparação entre Ícaro e Ismália na música destaca a aspiração por conquistas mais elevadas e a subsequente queda, simbolizando a busca por avanço e igualdade interrompida por obstáculos criados pelo sistema racista. A metáfora da torre de Ismália e do labirinto de Ícaro ilustra as barreiras emocionais e práticas impostas pela sociedade, mantendo os negros em uma condição de desestabilidade e limitação. A letra, assim, se torna uma crítica social que expõe as injustiças enfrentadas pelos negros, enquanto reconhece a resiliência e determinação para superar essas adversidades. Como afirma Mello e Pinto (2020)

¹¹ Matéria disponível em:
<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/08/dez-militares-sao-presos-apos-acao-do-exercito-que-fuzilou-carro-de-familia-no-rio-com-80-tiros.ghtml>

“O principal modo de se expressar desses sujeitos periféricos está na fala, por isso a importância de se perceber a oralidade como propulsora da produção e transmissão de conhecimentos e da história não-oficial, cujos relatos podemos encontrar no RAP, pois é sua poética que vai trazer a humanização desse sujeito” (2020, p. 108).

O racismo, conforme apresentado por Emicida, se manifesta de maneira concreta na vida dos negros, refletindo-se nos alarmantes índices de mortalidade entre a juventude negra, no elevado encarceramento dessa população e nas preocupantes taxas de suicídio, conforme dados apresentados pelo do G1 em 2019¹². Esses indicadores apontam para a ideia de que "ter pele escura é ser Ismália", sugerindo uma conexão direta entre a experiência racial e o impacto físico e psicológico nos indivíduos negros. Ao mencionar o transtorno mental e o suicídio, a música ressalta a gravidade dessas questões na comunidade negra e destaca a urgência de medidas que abordem tanto as questões sociais quanto os problemas de saúde associados ao racismo sistêmico. A menção à intertextualidade entre Emicida e o poeta mineiro sugere uma continuidade nas expressões artísticas que abordam as complexidades e desafios enfrentados pelos negros ao longo do tempo. O distanciamento psicossomático subjetivo ressalta a individualidade nas experiências, mas também destaca a persistência das lutas enfrentadas por diferentes gerações.

Diante de toda a violência sofrida pela população negra durante todos esses anos, é necessário também falar sobre resistência e superação, há uma resposta da comunidade, principalmente dentro da arte. Foi pensando nisso que o terceiro rap, também disponível no site Letras (<https://www.lettras.mus.br/racionais-mcs/66802/>) foi escolhido para compor a análise de dados:

Sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo
Quando pivete, meu sonho era ser jogador de futebol, vai vendo
Mas o sistema limita nossa vida de tal forma
Que tive que fazer minha escolha: Sonhar ou sobreviver
Os anos se passaram e eu fui me esquivando do ciclo vicioso
Porém, o capitalismo me obrigou a ser bem sucedido
Acredito que o sonho de todo pobre é ser rico
Em busca do meu sonho de consumo

¹² Matéria disponível em:
<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/05/21/indice-de-suicidio-entre-jovens-e-adolescente-s-negros-cresce-e-e-45percent-maior-do-que-entre-brancos.ghtml>

Procurei dar uma solução rápida e fácil pros meus problemas:
 O crime
 Mas é um dinheiro amaldiçoado
 Quanto mais eu ganhava, mais eu gastava
 Logo fui cobrado pela lei da natureza, vish
 14 anos de reclusão
 Barato é loco, barato é loco

É necessário sempre acreditar que o sonho é possível
 Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível
 Que o tempo ruim vai passar, é só uma fase
 Que o sofrimento alimenta mais a sua coragem
 Que a sua família precisa de você
 Lado a lado se ganhar pra te apoiar se perder
 Falo do amor entre homem, filho e mulher
 A única verdade universal que mantém a fé
 Olho as crianças que é o futuro e esperança
 Que ainda não conhecem, não sentem o que é ódio e ganância
 Eu vejo o rico que teme perder a fortuna
 Enquanto o mano desempregado, viciado, se afunda
 Falo do enfermo, (irmão) falo do são (então)
 Falo da rua que pra esse louco mundão
 Que o caminho da cura pode ser a doença
 Que o caminho do perdão às vezes é a sentença
 Desavença, treta e falsa união
 A ambição é como um véu que cega os irmão
 Que nem um carro guiado na estrada da vida
 Sem farol no deserto das trevas perdidas
 Eu fui orgia, ébrio, louco, mas hoje ando sóbrio
 Guardo o revólver quando você me fala em ódio
 Eu vejo o corpo, a mente, a alma, o espírito
 Ouço o repente e o que diz lá no canto lírico
 Falo do cérebro e do coração
 Vejo egoísmo, preconceito de irmão pra irmão
 A vida não é o problema, é batalha, desafio
 Cada obstáculo é uma lição, eu anuncio

É isso aí, você não pode parar
 Esperar o tempo ruim vir te abraçar
 Acreditar que sonhar sempre é preciso
 É o que mantém os irmãos vivos

Várias famílias, vários barracos
 Uma mina grávida
 E o mano tá lá trancafiado
 Ele sonha na direta com a liberdade
 Ele sonha em um dia voltar pra rua longe da maldade
 Na cidade grande é assim
 Você espera tempo bom e o que vem é só tempo ruim
 No esporte, no boxe ou no futebol

Alguém sonhando com uma medalha o seu lugar ao sol, porém
 Fazer o que se o maluco não estudou
 500 anos de Brasil e o Brasil aqui nada mudou
 Desesperô aí, cena do louco
 Invadiu o mercado farinhado armado e mais um pouco
 Isso é reflexo da nossa atualidade
 Esse é o espelho derradeiro da realidade
 Não é areia, conversa, xaveco
 Porque o sonho de vários na quebrada é abrir um boteco
 Ser empresário não dá, estudar nem pensar
 Tem que tramar ou ripar pros irmãos sustentar
 Ser criminoso aqui é bem mais prático
 Rápido, sádico, ou simplesmente esquema tático
 Será instinto ou consciência
 Viver entre o sonho e a merda da sobrevivência

O aprendizado foi duro
 E mesmo diante desse revés não parei de sonhar
 Fui persistente, porque o fraco não alcança a meta
 Através do rap corri atrás do prejuízo
 E pude realizar meu sonho
 Por isso que eu, Afro-X, nunca deixo de sonhar

Conheci o paraíso e eu conheço o inferno
 Vi Jesus de calça bege e o diabo vestido de terno
 No mundo moderno, as pessoas não se falam
 Ao contrário, se calam, se pisam, se traem, se matam
 Embaralho as cartas da inveja e da traição
 Copa, ouro e uma espada na mão
 O que é bom é pra si e o que sobra é do outro
 Que nem o sol que aquece, mas também apodrece o esgoto
 É muito louco olhar as pessoas
 A atitude do mal influencia a minoria boa
 Morrer à toa, que mais? Matar à toa, que mais?
 Ser presa à toa, sonhando com uma fita boa
 A vida voa e o futuro pega
 Quem se firmô, falô
 Quem não ganhou, o jogo entrega
 Mais um queda em 15 milhões
 Na mais rica metrópole, suas várias contradições
 É incontável, inaceitável, implacável, inevitável
 Ver o lado miserável se sujeitando com migalhas, favores
 Se esquivando entre noite de medo e horrores
 Qual é a fita, a treta, a cena?
 A gente reza, foge, continua sempre os mesmo problema
 Mulher e dinheiro tá sempre envolvido
 Vaidade, ambição, munção pra criar inimigo
 Desde o povo antigo foi sempre assim
 Quem não se lembra que Abel foi morto por Caim
 Enfim, quero vencer sem pilantrar com ninguém

Quero dinheiro sem pisar na cabeça de alguém
 O certo é certo na guerra ou na paz
 Se for um sonho não me acorde nunca mais
 Roleta russa, quanto custa engatilhar?
 Eu pago o dobro pra você em mim acreditar

É isso aí você não pode parar
 Esperar o tempo ruim vir te abraçar
 Acreditar que sonhar sempre é preciso
 É o que mantém os irmãos vivos

Geralmente quando os problemas aparecem
 A gente está desprevenido né, não?
 Errado!
 É você que perdeu o controle da situação
 Perdeu a capacidade de controlar os desafios
 Principalmente quando a gente foge das lições
 Que a vida coloca na nossa frente assim, tá ligado?
 Você se acha sempre incapaz de resolver
 Se acovarda, morô?
 O pensamento é a força criadora
 O amanhã é ilusório
 Porque ainda não existe
 O hoje é real
 É a realidade que você pode interferir
 As oportunidades de mudança
 Tá no presente
 Não espere o futuro mudar sua vida
 Porque o futuro será a consequência do presente
 Parasita hoje, um coitado amanhã
 Corrida hoje, vitória amanhã
 Nunca esqueça disso, irmão

O grupo Racionais Mc's é o mais influente e respeitado no cenário do rap brasileiro. As letras do Racionais MC's são um reflexo autêntico da vida nas periferias urbanas brasileiras, proporcionando uma visão honesta e muitas vezes crua da realidade enfrentada por aqueles que vivem nessas comunidades. Taperman (2015) diz que:

As letras do Racionais atacam a perpetuação da desigualdade, o racismo, a violência policial e outras mazelas da sociedade brasileira. E o fazem assumindo um posicionamento claro numa estrutura de classes, em franca oposição ao que eles próprios entendem como classe dominante (2015, p. 78).

A canção "A Vida É Desafio" dos Racionais MC's aborda as batalhas enfrentadas na vida, destacando as adversidades causadas pela desigualdade social e pelas limitações impostas pelo sistema racista. Os temas explorados

incluem sonhos, a luta pela sobrevivência, a vivência da pobreza, as ramificações do envolvimento com o crime e a importância vital da esperança e da perseverança diante de tais desafios. O rap é um lugar de resistência, de denúncia e também é um lugar de esperança. E é assim que a canção começa: “É necessário sempre acreditar que o sonho é possível / Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível / Que o tempo ruim vai passar, é só uma fase / Que o sofrimento alimenta mais a sua coragem”. A narrativa toma um tom mais otimista, enfatizando a importância de acreditar na realização dos sonhos, mesmo diante das adversidades. A mensagem de perseverança é reforçada, ressaltando que as fases ruins são efêmeras.

A letra da música aborda os anseios e ambições individuais, especialmente em uma sociedade que frequentemente limita as oportunidades. Ela ressalta a busca por êxito, prosperidade e contentamento, além de destacar os desafios que surgem no percurso. Mesmo diante das dificuldades, a canção sublinha a relevância de manter a fé e a convicção de que os sonhos são essenciais para preservar a vitalidade das pessoas: “Falo do amor entre homem, filho e mulher / A única verdade universal que mantém a fé / Olho as crianças que é o futuro e esperança / Que ainda não conhecem, não sentem o que é ódio e ganância”.

A música também explora as desigualdades socioeconômicas. Reconhece a clara divisão entre classes sociais, evidenciando as batalhas enfrentadas por aqueles marginalizados devido ao desemprego, vício e envolvimento com o crime. A letra levanta questionamentos sobre a ausência de transformações e avanços na sociedade, referindo-se ao contexto histórico do Brasil e à persistência de problemas como a pobreza e o crime: “Eu vejo o rico que teme perder a fortuna / Enquanto o mano desempregado, viciado, se afunda / Falo do enfermo, (irmão) falo do são (então) / Falo da rua que pra esse louco mundão”.

O refrão constante “É isso aí, você não pode parar / Esperar o tempo ruim vir te abraçar / Acreditar que sonhar sempre é preciso / É o que mantém os irmãos vivos” aparece para sugerir uma atitude de determinação e enfrentamento. A crença na importância contínua dos sonhos é enfatizada, indicando que eles desempenham um papel vital na manutenção da esperança. A referência aos “irmãos” sugere uma solidariedade entre as pessoas, destacando a importância de apoiar uns aos outros na jornada da vida. Esses versos resumem a mensagem positiva e encorajadora que permeia a música.

Ao longo da música, percebemos um apelo à ação, instigando a superação de desafios e o desenvolvimento pessoal. Há uma ênfase na importância de cultivar a crença em si mesmo, apoiar a família e a comunidade, bem como priorizar a educação e o esforço árduo. A música reconhece a complexidade das escolhas feitas pelas pessoas, incluindo a opção de recorrer ao crime como uma solução rápida para problemas financeiros, mesmo ciente das consequências negativas que isso pode acarretar. Essa abordagem multifacetada reflete uma compreensão crítica das realidades enfrentadas por muitos, enquanto também destaca a necessidade de escolhas mais positivas e construtivas para o crescimento pessoal e coletivo. Na parte final da canção, Mano Brown traz uma mensagem de perseverança: “As oportunidades de mudança / Tá no presente / Não espere o futuro mudar sua vida / Porque o futuro será a consequência do presente”. Dessa forma, podemos notar que um dos elementos mais poderosos da música escolhida é seu potencial inspirador, servindo como modelos positivos para as pessoas negras enfrentarem desafios com determinação.

A música do grupo Racionais Mc's se encaixa no que Souza (2009) define, em sua tese de doutorado, como *letramento de reexistência*, para a autora:

Estar na e ser da cultura significa, acima de tudo, disseminar as narrativas do cotidiano ao mostrar como vivem as pessoas, quais são seus sonhos, necessidades e formas de enfrentar os problemas, individual ou coletivamente [...] Para os rappers, a educação e a posse da palavra é marcada pelo esforço de reconhecimento de si, desafiando, de diferentes maneiras e em diferentes formatos, a sujeição oficialmente imposta, ainda materializada no racismo, nos preconceitos e discriminações (2009, p. 22).

Nessa definição, o rap se encaixa como um apoio que pode ser fundamental no contexto educacional. Assim como obras já renomadas e canônicas, utilizar um gênero musical marginalizado, como o rap, quebraria paradigmas e serviria como um alicerce na educação e permanência de alunos negros da rede pública na escola, uma vez que se sentir pertencente ao lugar que ocupa é fundamental. O rap, como expressão artística profundamente enraizada na cultura urbana, desempenha um papel notável no contexto pedagógico da aula de literatura. Mais do que apenas um gênero musical, o rap é uma forma de poesia contemporânea que incorpora narrativas, rimas e uma rica gama de linguagem para transmitir experiências, perspectivas e críticas sociais. Integrar o rap no ensino de literatura oferece uma abordagem inovadora e envolvente para explorar temas literários e sociais.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e Para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana em uma de suas determinações de ações educativas de combate ao racismo e a discriminações, define que o ensino de história e cultura negro-brasileira se faz de diferentes maneiras, com a realização de variados projetos no decorrer do ano letivo, com o estudo da participação de africanos e seus descendentes na construção social e cultural, destacando a atuação dos negros em áreas artísticas e de lutas sociais (Brasil, 2004).

Em resumo, o rap na aula de literatura não é apenas uma estratégia para tornar o aprendizado mais envolvente, mas também uma oportunidade para explorar as complexidades da linguagem e das questões sociais. Ao incorporar o rap, os educadores oferecem aos alunos uma lente única para examinar a interseção entre literatura, cultura e sociedade, incentivando a apreciação da diversidade de formas de expressão literária. Além disso, o rap permite diversificar as vozes presentes no currículo literário, apresentando aos alunos perspectivas que podem não ser tão representadas na literatura clássica. Isso promove uma abordagem mais inclusiva e reflexiva sobre as diferentes experiências e vozes presentes na sociedade. Pois, como posto por Cuti em *Literatura negro-brasileira*: “a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e ação [...] a literatura precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado” (2010, p. 12-13).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu que sou de onde a miséria seca as estações
Vi a primavera
Florescer entre os canhões
— *Primavera, Don L*

Reconhecer os conhecimentos gerados por grupos sociais não hegemônicos torna-se um desafio nos projetos, currículos e políticas educacionais. No atual cenário educacional, influenciado pela lógica do mercado e pela abordagem científico-instrumental, esses saberes são muitas vezes relegados à inexistência, ou seja, são tratados como ausentes (Gomes, 2017). Essa exclusão decorre de preconceitos, falta de representatividade e ênfase excessiva em padrões

acadêmicos específicos. Superar essas dificuldades implica em adotar abordagens interculturais, promover a participação comunitária, desconstruir preconceitos, diversificar métodos de avaliação, capacitar professores e implementar políticas inclusivas, visando construir um sistema educacional mais equitativo e aberto à diversidade de saberes. No livro *O movimento negro educador*, Nilma Lino Gomes (2017, p. 43) questiona “a educação, entendida como processo de humanização, tem sido sempre uma experiência edificante? É possível educar para a diversidade em uma sociedade marcada pelo colonialismo, pelo capitalismo e pelo racismo?.”

Foi pensando nesse questionamento que se deu a ideia de usar o rap como um instrumento pedagógico nas aulas de literatura. Esta pesquisa teve como objetivo traçar um percurso que evidencia a poderosa interseção entre o rap e a pedagogia decolonial, destacando as potenciais transformações na educação. Ao analisar o rap como uma ferramenta de ensino, nossa pesquisa revelou a capacidade de questionar o eurocentrismo e a colonialidade, ampliando as vozes historicamente silenciadas e marginalizadas da comunidade negra. Nesse contexto, a convergência entre um gênero musical predominantemente negro e uma prática pedagógica antirracista mostra-se promissora, ao criar um ambiente educacional que estimula a reinterpretação de experiências historicamente oprimidas, capacitando os alunos a se tornarem racialmente e socialmente conscientes.

Pudemos explorar a conexão entre obras da literatura brasileira e canções rap que fazem alusão a tais obras justamente para evidenciar como o gênero musical é amplo. A exploração das referências literárias nas músicas analisadas mostrou como o rap, enquanto forma de expressão artística, demonstra uma riqueza intelectual e uma profunda conexão com referências literárias. Muitos artistas do rap incorporam elementos literários em suas letras, enriquecendo suas composições com narrativas complexas e reflexões profundas. Como nas músicas "Capitães da Areia" de Baco Exu do Blues e "Ismália" de Emicida. Esses exemplos destacam como o rap transcende as barreiras entre a cultura popular e a erudita, enriquecendo-se com referências que proporcionam uma experiência vasta e intelectual para os ouvintes. Ao fazer isso, os artistas contribuem para a valorização da literatura e para a construção de uma narrativa cultural mais ampla. A análise de dados desta monografia e todo o conteúdo colocado nela mostra como o movimento hip hop contribui para a história do país, sendo um recurso intelectual muito valioso para uma educação transformadora.

No livro *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*, Bell hooks fala que

O aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é educação como prática de liberdade (Hooks, 2013, p.273).

Dessa forma, compreende-se a sala de aula como um espaço livre para expor conhecimentos advindos da nossa experiência e que esses conhecimentos podem, inclusive, melhorar nossa experiência de aprendizagem.

Partindo da concepção posta por Bell hooks, a intenção desta pesquisa foi mostrar a função social da literatura ao adotar métodos de compreensão da linguagem por meio de formas que fogem da configuração eurocêntrica de formação do indivíduo como sujeito de conhecimentos diversos. A literatura pode ser também um lugar de abrigo e de conforto, assim como a música. E é pensando nisso que foi possível unir os dois pois, unidos, a literatura e a música ocupam um lugar de salvação, afinal “a ética atravessa a dimensão estética de tal maneira que, em seus momentos de maior contundência, o valor da[s] obra[s] deve ser calculado por sua capacidade de, literalmente, salvar vidas. Esse é o grau de radicalidade dessas produções” (Oliveira, 2018, p.32).

Com base nessas considerações, a pesquisa sugere que a utilização das músicas de Emicida, Baco Exu do Blues e Racionais, em conjunto com a leitura coletiva do livro "Capitães da Areia" (1937) e do poema "Ismália" (1923) em sala de aula representa uma abordagem tangível para implementar a convergência entre o rap e a pedagogia antirracista. Ao integrar os raps e seus contextos literários às aulas de literatura, cria-se um ambiente educacional propício à reflexão crítica, à inclusão de vozes diversas e ao questionamento das estruturas racistas.

Sendo assim, esta monografia apresenta uma possibilidade de guiar o sistema educacional a um caminho inclusivo e acolhedor para aqueles que foram silenciados durante anos. Essa proposta visa capacitar os alunos não apenas a compreenderem as complexidades das experiências historicamente oprimidas, mas também a se tornarem agentes ativos na resistência contra formas de opressão.

REFERÊNCIAS

- AMADO, J. **Capitães da Areia**. 43^o ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ANDRADE, E. **O Rap e Educação, O Rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.
- BRASIL. Presidência da República. **Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Brasília, DF: Senado Federal, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Estatuto%20da,Adolescente%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAscias.&text=Art.%201%C2%BA%20Esta%20Lei%20disp%C3%B5e,e%20dezoito%20anos%20de%20idade. Acesso em: 8 mar. 2024.
- BK. Continuação de um sonho. In: Icarus. Rio de Janeiro: Gigantes, 2022
- Don L. Primavera. In: Roteiro para aïnouz vol. 2. Ceará: Don L, 2021
- EMICIDA. AmarElo. In: AmarElo. São Paulo: Sony Music Entertainment Brasil, 2019
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. 1^a ed. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- FREIRE, Paulo & Adriano Nogueira. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. Rio de Janeiro: Vozes, 1989.
- GOMES, N. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017
- GRADA, K. **Memórias da Plantação**. Tradução de Jess Oliveira. 1- ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- GUIMARAENS, A. Ismália. In. **Melhores poemas de Alphonsus de Guimaraens / seleção de Alphonsus de Guimaraens Filho**. 4 ed. São Paulo: Editora Gloral, 2001.
- ISMÁLIA. Direção: Emicida. Intérprete: Emicida. Letras [s. n.] 2019.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- Racionais Mcs. Versículo 4, capítulo 3. In: Sobrevivendo ao inferno. São Paulo: Cosa nostra, 1997.
- OLIVEIRA, C. J. Periferia é periferia em qualquer lugar: da favela à aldeia, o rap como elo poético de resistência. In: Regina Dalcastagnè; Lucia Tennina. (Org.). **Literatura e Periferias**. 01ed.Porto Alegre: Zouk, 2019, v. 01, p. 239-267.
- PINTO, Cecília Augusta Vieira; MELLO, Carla Cristiane. **A Linguagem do RAP como Resistência à(s) Norma(s)**. Porto das Letras, v.6, n.1, p-93-113, 2020.

SOUZA, A. **Racismo institucional: para compreender o conceito.** Revista da ABPN, vol. 1, n. 3, pp. 77 – 87, nov. 2010 a fev. 2011.

SOUZA, A. **LETRAMENTOS DE REEXISTÊNCIA: poesia, grafite, música, dança: hip hop.** 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SOUZA, A. **Letramentos de Reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009.

TEPERMAN, R. **Se liga no som: as transformações do rap no Brasil.** São Paulo: Claro Enigma, 2015.

WOODSON, C. **A deseducação do negro.** São Paulo: Edipro, 2021.

VITELLI, R. F.; FRITSCH, R. **Evasão Escolar na Educação Superior: de que indicador estamos falando?** Estudos em Avaliação Educacional, v. 27, n. 66, p. 908–937, 2016.